

RUA EMA

Decreto nº 5245 de 07-10-1977

Formada pela rua 44 da Vila Padre Manoel de Nóbrega - 2a. parte

Início na rua Pelicano

Término na rua Cormorão

Vila Padre Manoel de Nóbrega

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal de Campinas Francisco Amaral. Protocolado nº 8.957 de 15-04-1977.

EMA

Ema é uma ave da ordem dos Reiformes. É a maior ave da fauna sul americana, também chamada no Brasil, "nhandu" ou "avestruz". Sua plumagem é cinzento-acastanhada mais acentuadamente no macho que na fêmea; dorso e ventre brancos; pernas brancas e quase nuas; possui uma coroa preta. Com meio metro menos que o avestruz africano, a ema tem cerca de um metro e meio de altura. Uma ema adulta pesa até 40 quilos. Tem o andar majestoso de um membro da realeza. Curiosa é a posição dos olhos desta ave, que lhe permite enxergar para todos os lados e em toda posição, ajudando-a muito a fugir, quando perseguida. Nestas circunstâncias, consegue enganar facilmente ser perseguidor, mudando rapidamente de direção, graças à posição dos olhos. A ema come tudo: botões, moedas, pregos, etc, principalmente objetos brilhantes. Vive em bandos compostos de algumas fêmeas adultas, sob o comando de um único macho. Se surge outro macho, então trava-se renhida luta, que culmina com a morte ou fuga de um dos dois. No que se refere à postura, todas as fêmeas põem num só local, encontrando-se às vezes mais de 40 ovos nesses ninhos. Aliás, ninho mesmo não, porque a ema não faz ninho. Contenta-se em fazer um amontoado de gravetos e folhas secas, e aí põe seus ovos. Acontece, então, uma coisa interessante: chega o macho e, valentão, expulsa as fêmeas do ninho, senta-se sobre o ovos e se põe a chocá-los. É que as mesmas fêmeas não têm instinto de mãe. Enxotadas, partem à procura de outro macho que as dirija. Os ovos de ema medem cerca de 13,8 x 9,5 cm e pesam em média 700 gramas. A diferença mais lógica, mais importante, entre uma ema e o avestruz, reside no fato de possuir a ema três dedos em cada pé e o avestruz dois. A voz da ema é o ronco ou suspiro.



DECRETO N.º 5245, DE 7 DE OUTUBRO DE 1977

Dá denominação a vias públicas da cidade de Campinas.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe confere o item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º 9, de 31 de dezembro de 1969 — Lei Orgânica dos Municípios.

DECRETA:

Artigo 1.º — Ficam denominadas as seguintes vias públicas a seguir descritas, localizadas na Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA CONSELHEIRO JOAO ALFREDO" a Rua 1, continuação da rua do mesmo nome do Jardim Garcia — La gleba, com início na divisa com a Vila Castelo Branco e término na Rua 2 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA CORRUIRA" a Rua 2, com início na Rua 1 e término na Rua 3 do mesmo loteamento;

"RUA TRANSAMAZÔNICA" a Rua 3, continuação da rua do mesmo nome, com início na Rua Transamazônica e término na divisa Norte do mesmo loteamento;

"RUA CURIANGO" a Rua 4, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;

"RUA CURIÓ" a Rua 5, com início na Rua 2 e término na Rua 58 do mesmo loteamento;

"RUA FLAMINGO" a Rua 6, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;

"RUA GAIVOTA" a Rua 7, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;

"RUA GATURAMO" a Rua 8, com início na Rua 2 e término na Rua 57 do mesmo loteamento;

"RUA GRALHA" a Rua 9, com início na Rua 2 e término na Rua 10 do mesmo loteamento;

"RUA CASTELNUOVO" a Rua 10, continuação da rua do mesmo nome da Vila Castelo Branco, com início na Rua Castelnuovo e término na Rua 3 do mesmo loteamento;

"RUA GUAINUMBI" a Rua 11, com início na Rua 10 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA INHAMBÚ" a Rua 12, com início na Rua 20 e término na divisa do Jardim Londres;

"RUA IRERE" a Rua 13, com início na Rua 12 e término na Rua 16 do mesmo loteamento;

"RUA JACAIMIM" a Rua 14, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;

"RUA JURITI" a Rua 15, com início na Rua 12 e término na Rua 13 do mesmo loteamento;

"RUA JANDAIA" a Rua 16, com início na Rua 11 e término na Rua 12 do mesmo loteamento;

"RUA MACUCO" a Rua 17, com início na Rua 16 e término na Rua 20 do mesmo loteamento;

"RUA MARTIM PESCADOR" a Rua 18, com início na Rua 22 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;

"RUA MARACANA" a Rua 19, com início na Rua 12 e término na Rua 17 do mesmo loteamento;

"RUA PERIQUITO" aquela formada pelas Ruas 20 e 24, com início na Rua 12 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA PAPAGAIO" a Rua 21, com início na Rua 1 e término na Rua 22 do mesmo loteamento;

"RUA PINTASSILGO" a Rua 22, com início na Rua 21 e término na divisa com o Jardim Londres;

"RUA PELICANO" a Rua 23, com início na Rua 33 do Jardim Londres e término na Rua 3 da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA PINGUIM" a Rua 25, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA PARDAL" a Rua 26, com início na divisa com o Jardim Londres e término na divisa Norte da Vila Padre Manoel de Nóbrega, 2.ª Parte;

"RUA PATURI" a Rua 27, com início na Rua 25 e término na Rua 30 do mesmo loteamento;

"RUA KOLINHA" a Rua 28, com início na Rua 23 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;

"RUA SARACURA" a Rua 29, com início na Rua 23 e término na Rua 27 do mesmo loteamento;

"RUA SERIEMA" a Rua 30, com início na Rua 31 e término na Rua 6 do mesmo loteamento;

"RUA SOCO" a Rua 31, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;

"RUA SAÍRA" a Rua 32, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA SABIA" a Rua 33, com início na Rua 31 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA TUCANO" a Rua 34, com início na Rua 23 e término na Rua 50 do mesmo loteamento;

"RUA TUIM" a Rua 35, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA TANGARA" a Rua 36, com início na Rua 33 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA UIRAPURU" a Rua 37, com início na Rua 23 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA JACUTINGA" a Rua 38, com início na Rua 37 e término na Rua 41 do mesmo loteamento;

"RUA JAO" a Rua 39, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA SANHAÇO" a Rua 40, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA AVINHADO" a Rua 41, com início na Rua 31 e término na Rua 38 do mesmo loteamento;

"RUA FAISAO" a Rua 42, com início na Rua 31 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;

"RUA EMA" a Rua 44, com início na Rua 23 e término na Rua 51 do mesmo loteamento;

"RUA CALHANDA" a Rua 45, com início na Rua 37 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;

"RUA JACUI" a Rua 46, com início na Rua 45 e término na Rua 47 do mesmo loteamento;

"RUA AÇOR" a Rua 47, com início na Rua 23 e término na Rua 34 do mesmo loteamento;

"RUA MERGULHÃO" a Rua 48, com início na Rua 34 e término na Rua 49 do mesmo loteamento;

"RUA TENTILHÃO" a Rua 50, com início na Rua 49 e término na Rua 43 do mesmo loteamento;

"RUA CORMORÃO" aquela formada pelas Ruas 51, 52 e 53, com início na Rua 44 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

"RUA CANINDE" a Rua 54, com início na Rua 3 e término na Rua 26 do mesmo loteamento;

Artigo 2.º — Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 7 de outubro de 1977.

DR. FRANCISCO AMARAL
Prefeito do Município de Campinas
DR. RALPH TORTIMA STEITINGER
Secretário dos Negócios Jurídicos
Eng.º AMANDO QUEIROZ TELLES COELHO
Secretário de Obras e Serviços Públicos

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos — Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica — com os elementos constantes do protocolado n.º 8.957, de 15 de abril de 1977, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 7 de outubro de 1977.

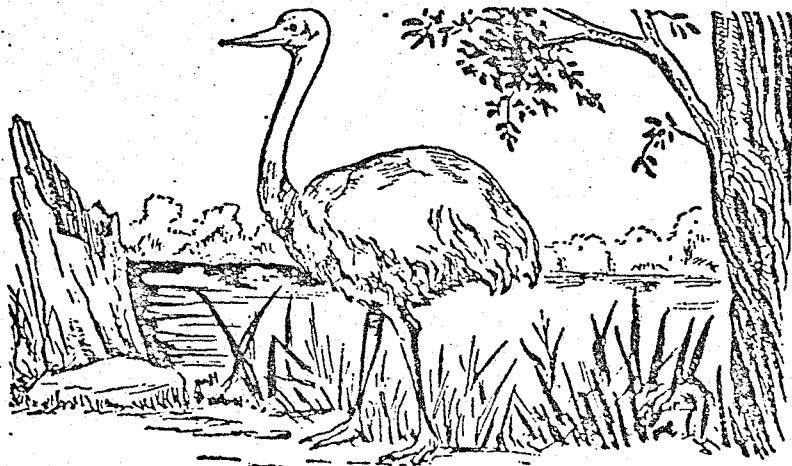
DR. GERALDO CESAR BASSOLI CEZARE
Chefe do Gabinete do Prefeito

RUA EMA

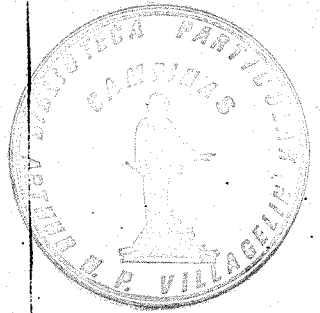
(Denominação dada pelo Decreto 5245 de 07-outubro-1977,
à Rua 44 da Vila Padre Manoel da Nóbrega - 2a. parte,
com início na Rua Pelicano e término na Rua Cormorão)

EMA — Vertebrados — Classe: Aves — Ordem: Reiformes.

A maior ave da fauna sul americana, também chamada no Brasil, nhandu ou avestruz. Sua plumagem é cinzento-acastanhada mais acentuadamente no macho que na fêmea; dorso e ventre brancos; pernas brancas e quase nuas; possui uma coroa preta. Com meio metro menos que o avestruz africano, a ema tem cerca de 1 metro e meio de altura. Uma ema adulta pesa até 40 quilos. Tem o andar majestoso de um membro da realeza. Curiosa é a posição dos olhos desta ave, que lhe permite enxergar para todos os lados e em toda posição, ajudando-a muito a fugir, quando perseguida. Nestas circunstâncias, consegue enganar facilmente seu perseguidor, mudando rapidamente de direção, graças à posição dos olhos. A ema come tudo: botões, moedas, pregos, etc., principalmente objetos brilhantes. Vive em bandos compostos de algumas fêmeas adultas, sob o comando de um único macho. Se surge outro macho, então trava-se renhida luta, que culmina com a morte ou fuga de um dos dois. No que se refere à postura, todas as fêmeas põem num só local, encontrando-se às vezes mais de 40 ovos nesses ninhos. Aliás, ninho mesmo não, porque a ema não faz ninho. Contenta-se em fazer um amontoado de gravetos e folhas secas, e aí põe seus ovos. Acontece, então, uma coisa ininteligível: chega o macho e, valentão, expulsa as fêmeas do ninho, senta-se sobre os ovos e... ei-lo chocando! É que as mesmas fêmeas não têm instinto de mãe. Enxotadas, partem à procura de outro macho que as dirija. Os ovos de ema medem 13,8 x 9,5 cm, e pesam em média 700 gramas. Antes de fazerem seu ninho, estas aves põem alguns ovos a esmo. Na época própria, quando do nascimento dos filhotes, o macho quebra esses ovos dispersos que, a esta altura, estão podres, o que atrai uma multidão de moscas para comer-lhe o conteúdo. É, então, que os nhanduzinhos já estão por ali à procura de alimento e banqueteam-se com tais insetos.



Logo após nascidos os pequenos nhandus se põem a andar e após 15 dias já correm mais que qualquer campeão de corridas. Como dissemos, é o macho o responsável pelo choco dos ovos e executa sua missão com



a máxima responsabilidade, cômico de seu nobre encargo: não permite que ninguém se acerque do ninho; ataca ferozmente, qualquer ser vivente que tentar aproximar-se, inclusive o homem. Mas se deixa o ninho por alguns momentos e, na volta, percebe que alguém ou alguma coisa mexeu nos ovos, abandona tudo, não sem antes desfazer, a patadas, o ninho. Sacrifica a ninhada futura, para salvar a pele.

Os filhotes da ema são muito perseguidos por cachorros-do-mato, em cujas garras são apanhados e a seguir devorados. Mas aí do cachorro se papai-ema o pega; dá-lhe uma tremenda surra de unhas, bicadas e patadas, que o coitado nem tem pernas para correr. E assim vão crescendo os nhanduzinhos pageados pelo macho. Acontece que podem se encontrar dois grupos diferentes. E os dois "papás" se defrontam. Vão disputar a liderança dos grupos, que deverão formar em um único e, em consequência, terá apenas um chefe. Começa a luta, na qual vencerá o mais forte. Os nhanduzinhos, mal percebem o "tempo quente", retiram-se para algum lugar meio escondidos e apreciam a pugna. Sabem bem que o vencedor será seu novo chefe. Lutam até que um deles desiste ou morre. O vencedor, então, reúne todos os nhanduzinhos e contente segue com a ninhada inteira; o outro sai solitário, à busca de outro bando para chefiar. Mais uma luta o espera.

A ema poderia muito bem ser criada em fazendas ou sítios, pois vive bem em cativeiro, ou semi-cativeiro, pois fornece valiosas plumas, ovos e é uma ave ornamental. São, ainda, úteis, pois se não devoram cobras peçonhentas (ou mesmo não peçonhentas) devoram inúmeros animais outros não menos daninhos. Outro motivo para sua criação em cativeiro, é que estas aves, dada sua constante perseguição, estão cada dia rareando mais. É responsabilizada pela disseminação de verminoses nas pastagens.

No Brasil, há algum tempo, era muito encontrada, em algumas regiões do Sul, onde hoje não mais existe. Está em fase de extinção também em outros países, tais como Argentina e Paraguai. Entre nós, felizmente, ainda são encontradas nalgumas regiões do nordeste, principalmente em Pernambuco. As mais comuns no Brasil, são as espécies *Rhea americana*, e *R.a. intermedia*. Com referência ao nome *Rhea* dado às emas, Vitor von Hagen observa que "alguma razão desconhecida levou os cientistas a dar o nome "Rhea" a essa ave sul-americana. Na mitologia grega, "Rhea" era a mãe de Zeus, de Demétrio e de outras divindades. Era identificada com a grande deusa da natureza, e, por isso, também era chamada "Grande-mãe". Que tolo nome para essa ave sem vôo e parecida com o avestruz! Tão tolo como o de "Ciclopes", dado ao tamanduá sedoso, pois a ema não é nenhuma grande mãe. Ela nem toma conta dos filhotes; quem o faz é o macho. A diferença mais lógica, mais importante, entre uma ema e a avestruz, reside no fato de possuir a ema três dedos em cada pé, e o avestruz dois. A voz da ema é o ronco, ou suspiro.



Vejamos uma curiosa lenda dos indígenas da Argentina:

Certo dia, encontraram-se a ema — (que eles chamam suri) — e o sapo. Cumprimentaram-se, como de costume, após o que o nhandu, todo convencido, perguntou ao sapo se ele já apreciara uma corrida sua. O sapo disse que sim, mas que ele próprio poderia vencer o nhandu. "Você? mas eu quase vô"! Vamos experimentar — replicou o sapo. Conversa vai, conversa vem, concordaram. O sapo apostou todas as suas jóias. Escolhido o local da corrida, concordaram em marcar a meta da chegada com uma cumbuca. Muito astucioso, o sapo procurou outros companheiros, semelhantes a ele, e postou-os à beira da pista de corrida e, lá debaixo da cumbuca, pôs aquele que mais se lhe assemelhava. Dado o sinal de partida, o nhandu parte quase voando, mas qual não é sua surpresa quando vê, por onde passa, um sapo saltando a seu lado! Eram os fiéis amigos do sapo, cumprindo suas recomendações. Ao chegar à meta vencedora, lá está o sapo, que lhe grita de debaixo da cumbuca: "Altó! Aqui estou eu!". E foi assim que o sapo enganou o nhandu.

Os indígenas utilizam as plumas da ema, para fazer um saiote que usavam ao redor da cintura, em certas cerimônias religiosas, danças, etc. V. Nhandu.



(Extraído de fls. 509 a 513, da "Enciclopédia Universal dos Animais", Vol. III, de autoria de L.N. da Costa e Silva, editado por Editôra Myrtis Ltda. São Paulo, 1969)